

Odília desviou os filhos, mas o genro virou-se para o mar

Na Madeira, a pesca está a perder gente há mais de meio século. A tendência só foi contrariada quando regressaram milhares de pessoas das antigas colónias e na última crise económica. Desfechos como o do atuneiro que naufragou em Agosto não inspiram

Por [Ana Cristina Pereira](#) texto e [Ana Marques Maia](#) fotografias



Odília Nunes conhece bem a angústia da mulher do pescador no momento do embarque. “Nunca sei se vai voltar, se não vai voltar, se vai ganhar, se não vai ganhar. Uma vida inteira, sempre a mesma angústia.” Não queria conhecer a angústia da mãe do pescador no momento do embarque.

O marido, José João Silva, não tinha como fugir ao mar. O Caniçal, no extremo Sudoeste da ilha da Madeira, sempre esteve ligado à pesca. Quando ele era pequeno, raro era o homem (e o adolescente) que não ganhava a vida no mar. “Avós, tios, pai, irmãos, todos pescadores. Acabei a 4.ª classe, tornei-me pescador”, diz o homem de 54 anos, enormes óculos de sol, cabelos ralos penteados para trás.

Odília nem gostava de imaginar. Agora, nos atuneiros, há camarotes, cozinha, casas de banho. “Naquele tempo, os homens dormiam no chão. Quando precisavam de se aliviar, punham o rabo na borda. Podiam estar uma semana inteira sem tomar um banho”, re-

corda o irmão dela, Júlio Nunes. Uma vez casados, Odília e José João ainda foram para Jersey, uma das ilhas do canal da Mancha, trabalhar na agricultura – cumpriram uma época, duas, três, até que... Ela ficou grávida e ele voltou ao mar.

Foram anos de aperto. Nos meses de faina, o mar anda mais bonançoso, mas há dias e dias de levadia. E não era só isso. O oceano é tão grande. Os pescadores perdiam muito tempo à procura dos cardumes. Não colaboravam uns com os outros, revezando-se no acompanhamento das “manchas” de atum que se formavam debaixo dos barcos, como agora. Nem havia protecção no período de defeso. Para gerir os proventos, tarefa que no Caniçal a tradição atribui às mulheres, Odília “tinha de ser uma contabilista”.

Apesar de tudo, era um tempo de esperança. Portugal tinha entrado na União Europeia em 1986. A região recebia avultados fundos comunitários. Aproveitando formação subsidiada, José João tirou a carta de contramestre e a de mestre. “Trabalhei em várias embarcações.”

Já ninguém matava baleias, como quando

ele era um rapazote. Cada vez havia mais turistas desejosos de avistar baleias, golfinhos, tartarugas e outros animais marinhos. E, de repente, José João estava a trabalhar na *Bonita da Madeira*, uma caravela que faz excursões ao largo da Madeira, à Baía d’Abra, uma enseada que há ali perto, na ponta de São Lourenço, e às ilhas Desertas, habitat da foca-monge, também conhecida por lobo-marinho.

Livrava-se de perigos. Estando o mar encrespado, nem daria ordem para largar as amarras. Odília não andaria naquela angústia. E o ganho era certo. Podiam garantir aos filhos a possibilidade de sonhar outro futuro. Não era só ela que insistia nisso. Ele também. “O mar tem muitas desavenças”, diz ele. “A música já diz: o mar é cruel, falso, traidor, um dia dá pão, outro já dá dor.”

Uma plataforma insular estreita

Pesca-se no arquipélago da Madeira desde o início do povoamento, no primeiro quartel do século XV. A actividade terá sido introduzida por algarvios. Escreve Filipe Santos, no

artigo *A pesca na História da Madeira*, publicado pelo Centro de Estudos de História do Atlântico em 2010, que já então havia quem se aventurasse “até ao golfo da Guiné e, como não podia deixar de ser, ao mar das ermas ilhas Selvagens”.

Nunca envolveu muita gente. Durante muito tempo, o crescimento da economia do arquipélago, situado na confluência das principais rotas atlânticas, na direcção norte-sul e este-oeste, assentou, sobretudo, na actividade agrícola – cereais, cana-de-açúcar, uva. Depois, o turismo tornou-se dominante.

O espaço marítimo até é imenso: corresponde a 446.108km², uma área 500 vezes superior à área terrestre ocupada pelas ilhas. Só que “a plataforma insular é exígua”, como explica João Delgado, director dos serviços de Investigação da Direcção Regional das Pescas. A Madeira é uma montanha gigantesca que se eleva do Atlântico. Num instante, as águas se tornam profundíssimas.

Naquela plataforma estreita, com maior penetração de luz e mais nutrientes, vivem carapaus, cavalas, sardinhas, bogas e →

outras espécies de pelágicos ou ruama. São capturadas durante a noite, ao longo de todo o ano, sobretudo na costa Sul da Madeira, entre o Funchal e a Madalena do Mar e entre o Porto Novo e Machico.

Amiúde, a menos de uma milha da costa da Madeira, já se está nos 200 metros de profundidade, no domínio oceânico, território dos tunídeos, peixes tímidos e assustadiços, de corpo alongado, fusiforme, que podem nadar até 170 quilómetros por dia. Não muito longe, já há zonas de grande profundidade, habitat do peixe-espada-preto, da xarabranca e de outros tubarões.

Segundo João Delgado, a pesca ao peixe-espada-preto começou por ser feita ao largo de Câmara de Lobos. E, pouco a pouco, foi-se alargando, até formar uma espécie de corredor marítimo entre a Madeira e Canárias. A pescaria do atum também pode levar para longe. “Une o caminho marítimo entre a Madeira e os Açores.”

Os pescadores apanham isco vivo junto à costa e avançam mar adentro. Focam-se nos tunídeos que desovam no golfo da Guiné, como o patudo, o gaiado e o voador, e que, entre Março/Abril e Setembro/Outubro, costumam passar pelas águas da Madeira.

O que uns e outros capturam nunca deu para saciar o apetite dos residentes, que até comem menos do que a média nacional. E João Delgado nota cada vez mais dificuldade em encontrar gente com experiência e vontade para se fazer ao mar. A dureza da pesca não atrai os mais jovens. Nem histórias como o do *Setemar*, o atuneiro que em Agosto naufragou, a 12 milhas da Ponta do Pargo, no concelho da Calheta, na zona Oeste da ilha da Madeira.

As *Estatísticas da Pesca* não deixam margem para dúvidas. Em 1960, havia 2616 residentes a trabalhar no sector. A partir daí, iniciou-se uma curva descendente, só contrariada no pós-25 de Abril de 1974, quando, em 1975, regressaram milhares de famílias das ex-colónias, e, em 1981, se deixou a caça da baleia: 1540 em 1970, 1737 em 1981, 1425 em 1991, 819 em 2001, 630 em 2011.

Primeiro, era mais a emigração a desviar potenciais pescadores. Depois, a construção civil e os serviços, em particular no sector do turismo. Ao longo de 25 anos, recorrendo aos fundos comunitários e ao endividamento, rasgaram-se caminhos, estradas e vias rápidas, levantaram-se escolas, centros de saúde, piscinas, campos de futebol, hotéis, casas, apartamentos.... Com um Produto Interno Bruto insuflado pela Zona Franca, caiu para metade o acesso aos fundos comunitários de 2007-2013. O Governo central também reduziu as transferências do Orçamento do Estado. E isso começou a “doer” em 2009, com a nova lei das finanças públicas, que travou o endividamento. A construção civil parou. O desemprego bateu recordes. Em 2012, com a dívida pública nos 6,5 mil milhões de euros, a região sujeitou-se a um Programa de Ajustamento Económico e Financeiro.

Nos piores anos, houve quem tivesse abalado, mas também quem se tivesse virado para a agricultura ou a pesca, como Bruno Abreu, o genro de Odília e José João. A tendência de redução de residentes empregados na pesca parou. No ano passado, de acordo com a Estatística da Madeira, havia 628 pescadores matriculados.

A alegria do porão cheio

Bruno Abreu começou por ganhar a vida como servente de pedreiro. Tomado pelo



Pesca

José João quase não conheceu outra vida que a de pescador. Os filhos não lhe seguiram as pisadas

“

O mar tem muitas desavenças. A música já diz: o mar é cruel, falso, traidor, um dia dá pão, outro já dá dor

José João

Sempre disse que não queria mais ninguém da família no mar

Odília Nunes

gosto de aprender, tornou-se mestre. Quando a construção parou, procurou uma alternativa. Sempre sentira o apelo do mar e sempre o ignorara para não desagradar à mãe, que a vida tornou desconfiada daquela água sem fim. Em 2011 já não era com a mãe que fazia vida. E a mulher, Joana, apoiava a decisão. “A construção civil ficou muito fraquinha”, recorda ela. “Não havia obras. Ele teve de ir para onde havia oportunidade.”

Odília engoliu em seco. Não deixou o destino dos filhos nas mãos de Nossa Senhora da Piedade, que se celebra na terceira semana de Setembro com uma procissão de barcos e

músicas escritas pelo irmão, Júlio Nunes. “Fiquei sempre a cuidar deles”, diz. São três. O mais velho, de 32 anos, estudou bioquímica. A do meio, de 27, estética. E o mais novo, de 24, enfermagem. “Sempre disse que não queria mais ninguém da família no mar. Infelizmente, o meu genro, que era de terra, foi para o mar.”

O homem, de 31 anos, tem o rosto crestado pela maresia. Parece que nasceu para apanhar atum, através do tradicional sistema de salto e vara, com isco vivo, o que garante uma baixa pegada ecológica. “É um prazer que só quem está é que sabe”, afiança. “A maior ale-

Um dos últimos baleeiros

gria é quando a gente tem o porão com 20, 30 toneladas. A malta abraça-se. O mês está ganho.” O valor que levam para casa varia muito. “Já tive um mês que ganhei 70 euros.” Uma tristeza. “Também já tive um mês de 3300”, apressa-se a contrapor. “No ano passado, começámos por receber 380 euros. Depois, 2200.” vido de saber, já se fez contramestre.

José João também regressou àquela arte. “Quiseram reduzir salários”, recorda. “Desisti. Voltei para o meu ofício. Há quatro anos, surgiu-me uma oportunidade de contramestre. Agarrei-a. Há dois anos, surgiu-me uma oportunidade de mestre na *Maria Leontina*. No ano passado, surgiu outra, no *Autonomia*. Estou, pelo segundo ano, no *Autonomia*.” E aí tem como contramestre ... o genro.

A aproximar-se o início da faina, que este ano uma avaria empurrou para o início de Abril, Odília e Joana trataram de lavar as roupas dos seus homens. “As roupas ficam muitos meses guardadas, a gente lava tudo para ficar com um cheirinho mais fresco”, conta Joana. “Depois é comprar as coisinhas que eles gostam de comer no dia-a-dia. O Bruno gosta de levar fruta, iogurtes. Às vezes, quando tenho tempo, faço um bolo para ele levar. Ele também leva o seu próprio café porque não gosta do café do barco.”

Na Madeira, o peixe é assunto de homens. Eles não se limitam a pescá-lo. Antes de haver lota no Caniçal, eram homens, como Júlio Nunes, que transportavam gelo do Funchal para o Caniço e peixe do Caniçal para o Funchal. E, ainda agora, só se vê homens atrás dos balcões da praça de peixe do Mercado dos Lavadores, na baixa da maior cidade da ilha.

“Sempre foi assim”, garante o peixeiro José Ferreira, sem tempo para grandes conversas. Estava com um facão a cortar um atum de 50 quilos e tinha o patrão de olho nele. A uns metros, estava Carlos Jorge. E esse tinha vagar. Estivera na lota naquela manhã, não compra peixe. A faina fora fraca. Quando há pouco peixe na lota, o preço dispara. Tem de fazer contas. Nem sempre compensa.

Carlos Jorge anda a vender peixe desde os 12 anos. Chegaram a ser oito irmãos e cunhados naquela praça. “Uns já morreram, outros estão reformados. Agora, trabalho por conta própria. Tenho um sobrinho que trabalha comigo. A gente trabalha aqui e também vende peixe numa carrinha.” Passa as manhãs a percorrer as estradas da Ribeira Brava, São Vicente, Santana, na carrinha, de altifalante, a anunciar: “Espada, chicharros, cavalas, atum.” Quem o ouve pode logo pensar em fazer um atum de escabeche com batatas cozidas, uns filetes de espada-preto com milho frito, umas cavalas com molho de vilão e batatas murchas ou outras receitas típicas da região.

Aquele peixeiro é oriundo de outra comunidade piscatória da ilha, Câmara de Lobos. Não é, mas já foi casado e os seus filhos também se desviaram do mar. “Um é segurança. Uma é educadora. Outro ainda está na escola, só tem 15 anos.” Gosta que a linha se tenha quebrado. “Quando está bom tempo, os pescadores arranjam peixe, a gente compra, ganhamos todos. Quando está vento, não ganha ninguém.”

O vento é uma espécie de papão. O naufrágio do *Setemar* veio reforçar essa certeza já antes tantas vezes reforçada. “Quando a gente apanha vento, às vezes, é tão duro que a gente só pensa na família”, comenta Bruno Abreu. Quando Joana nota vento também só pensa nos homens da família que estão no mar. Rezam todos a Nossa Senhora da Piedade.

A memória de Manuel Moreira já se baralha, mas ainda guarda episódios da caça à baleia. Não parece coisa que um homem possa apagar. “Aos anos que já saí... ainda sonho.” Sonha que anda no mar, de lança na mão, a perseguir e a matar cachalote, o maior animal com dentes.

Foram muitos anos naquela vida. Começou em 1956, um ano antes de se casar. Antes disso, andou na pesca do atum. “Ganhava-se melhor uma pataca.” E todas as patacas contavam. Nesta casa minúscula e atravancada situada numa rua inclinada da vila do Caniçal em que agora fala, ele e a mulher tiveram dez filhos.

Não havia tradição de baleação no arquipélago da Madeira. Aquela era uma actividade muitíssimo recente. As técnicas tinham sido trazidas por açorianos, que há muito as tinham aprendido com norte-americanos de New Bedford e Nantucket.

Os dois primeiros cachalotes foram capturados em 1941 e desmanchados no calhau das Pedras Vermelhas, na Ribeira da Janela, no concelho de Porto Moniz, na costa Norte da ilha da Madeira. Foi lá que se instalou o primeiro “traiol”, uma rudimentar estação de extracção e processamento de óleo de cachalote. Um ano depois, montaram outro no calhau do Garajau, na freguesia do Caniçal, concelho de Machico, na costa Sul, menos propícia a ventos e chuvas. Em 1951, abriu a fábrica de processamento de produtos de baleia no Caniçal.

Diz Ana Nóbrega, directora do Museu da Baleia, que o isolamento da freguesia pesou na escolha. O cheiro era intenso. “O Caniçal, até meados do século XX, era uma zona isolada. O acesso à vila mais próxima, Machico, era feito por mar ou por uma vereda. Quando havia mau tempo, havia muita fome. A necessidade obrigava a ter uma grande capacidade de adaptação.”

Manuel Moreira apressa-se a descrever o processo: “A pesca da baleia é o seguinte: temos vigias em toda a volta da Madeira (as vigias ainda estão lá, as pessoas é que já foram). Os vigias estão a olhar para o mar e o primeiro que vê dá [o foguete]”. Naquele instante, tudo se suspendia. Os homens largavam o trabalho que estavam a fazer na fábrica e iam preparar as embarcações. E as mulheres largavam as suas tarefas e principiavam-se para eles com agasalho e merenda.

O risco era sempre desmedido. “As embarcações eram maneiras, não era cá como estas embarcações que há agora, isto agora... eles vão ao fim do mundo”, realça. Nos primeiros tempos, nem havia motores. “Quando havia vento de vela, dava-se a vela e trancava-se mesmo a vela. Quando não havia vela, era de remos.”

Só no final daquela década, por ali se viram aparecer as baleeiras de contraplacado marítimo com motores a gasolina. Em vez de sete homens, metiam-se quatro em cada lancha. “As lanchas iam cercando [a baleia] e a gente ia-se trancando e depois matava-se. Não é que não tivesse medo. Fui cinco vezes à

água. A gente vai escolhendo sempre as maiores. E eu tranquei, e fui pelo ar e calhei em cima delas. Mas elas também têm medo, elas querem fugir e elas fazem isto, batem [com a respectiva barbatana] na baleeira. E a gente, se não se segura, vai pela borda.” É a forma que têm de defender-se. “Elas vão à hora da morte e vão sentindo, sentindo... é como um louco que não sabe o que faz.”

Não é capaz de dizer quantas matou. “Eu já não sei quantas eu matei, que eu ‘tive’ aí trancado quinze anos. Eu não sei quantas matei. Matámos 44 num dia! Já cheguei a matar uma baleia grande, 18 metros, com uma lançada só. Calhou nas linhas do coração e quando os outros chegaram ao pé da gente, já ela ‘tava’ morta.”

A partir de meados dos anos 60, já havia menos baleias e menos procura de óleos, farinhas e outros produtos derivados das baleias. Na década de 70, ganhou força o movimento de defesa de cetáceos.

Diversos países proibiram a comercialização daqueles produtos. Em 1981, a Empresa Baleeira do Arquipélago da Madeira encerrou a sua actividade.

“A pesca à baleia acabou voluntariamente na Madeira”, enfatiza Ana

Nóbrega. A Comissão Baleeira Internacional anunciou em 1982 a suspensão da caça de todas as espécies de baleias com início a partir de 1985 e 1986. “Em 1981, foi caçado o último cachalote na Madeira, o que quer dizer que foi voluntariamente que se encerrou a actividade na região autónoma.” Na região autónoma dos Açores, a actividade terminou em 1984, mas ainda se caçou três cachalotes em 1987, levando a CEE a cancelar o projecto de reconversão da indústria baleeira em observação de cetáceos.

Os antigos baleeiros dispersaram-se por outras actividades. Manuel Moreira foi fazendo o que lhe aparecia para sustentar os oito filhos (dois morreram). “Já trabalhei em jardinagem, já trabalhei no Porto Moniz, já trabalhei no Porto Novo e ‘tava-se’ no chão de casas. Quando aparecia trabalho, a gente só ‘tava-se’ à exposição.”

Logo em 1990 abriu o Museu da Baleia. Nos primeiros anos, funcionou na antiga praça de peixe do Caniçal. Desde 2011, funciona num edifício construído de raiz com duas exposições permanentes, uma dedicada à história da caça à baleia na Madeira e outra às baleias e golfinhos do arquipélago.

Este que é um dos últimos baleeiros da Madeira já lá esteve diversas vezes a partilhar a sua experiência. “Eles mandaram-me chamar, mandaram-me falar com aquelas crianças da escola e isso tudo”, conta. “Elas faziam perguntas: Como era? Como matavam? Como é que se fazia.” E ele ia satisfazendo a sua curiosidade. Não tem remorsos. Empurrava-o a necessidade. “Tinha-se que ir a elas, porque era o nosso pão da vida.” E não pensava naquilo como uma crueldade. “É como uma pessoa a matar um porco. Não tranca da primeira vez para deitar sangue, que as pessoas gostavam de comer o sangue.” **Ana Cristina Pereira**

“

Eu já não sei quantas eu matei. (...) Matámos 44 baleias num dia!
Manuel Moreira

